



FLÁVIA BERNARDI

- Nascida em 12 de fevereiro de 1974;
- Psicóloga e psicanalista;
- Mora em Caxias do Sul. Casada, mãe da Maria Clara e da Beatriz;
- Criadora de um blog, chamado Flor de Limão: <https://flordelimao.com/hello-world/>

SERENO

A longínqua casa verde tinha, faz muitos anos, um alegre cheiro amadeirado. Naquele céu encantado do interior de Faria Lemos, sonhavam, as densas nuvens, dias que pareciam nunca acabar. O gramado disforme, entre plantas e ervas indesejadas, retratavam um trabalho que parecia sem fim. Era lá que ficávamos, serenos e silenciosos, por horas e horas, arrancando os verdinhos insistentes, que teimavam em nascer por entre as plantas. Nós, agachados, lado a lado; eles, parecendo avisar que precisaríamos ficar lá debruçados para sempre: os milhares de brotos repartiam sua força silenciosa e se proliferavam a cada chuva, a cada novo dia. O sereno da noite anterior parecia adubo para os caules vicejantes que amanheciam ainda mais dispostos: despertavam num germinar sutil, num ávido desejo de vir a ser. Na minha mente infantil, serena e esperançosa, se estampava o milagre da renovação. Aquela reiteração da força, onde a vida brotava animada, trazia a doce sensação de que tudo se reiniciaria a cada manhã. E como se cada plantinha fosse a mesma de ontem, também eu imaginava que a natureza nunca se findaria. Mesmo que não visse o milagre se cumprindo, eu arrancava os matos, colhia as flores, acompanhava as árvores resplandecendo com suas folhas fortes e brilhantes, sentia o cheiro vivido em minhas narinas daquela natureza vitalizada sem fim. Mas o fim veio, e eu não o vi chegar. O fim, inevitável, irrompeu aquela manhã de dezembro azulada em Linha Alcântara. Eu estava longe, não vi a cápsula se fechar, nem o tempo dele acabar. Não o vi partir. Apenas senti sua ida. Imaginei que algum cume distante tivesse bradado seu nome e ele, homem da terra, sucumbido ao chamado. Também imaginei, naquela noite, sob as cobertas e com os olhos bem abertos (que não se fechavam de forma algu-

ma), que ele poderia ser como uma florzinha que estava doente e não encontrava um jeito certo para seguir viva. Questionei se faltara rega ou cuidados; se eu tinha algum poder mágico especial confiado apenas a mim e eu, incapacitada pela meninice, tivesse desprezado tal tesouro e deixado de salvá-lo. Essa sensação gélida me acompanhou por muito tempo, apertando meu coração. Quando eu era pequena, os dias, as distâncias, os temores, as escadas, tudo parecia mais longo. Muito mais. Hoje deitei na relva macia e, não respirando mais o ar da minha infância, enxerguei o verde e o azul se embaralharem acima de mim. Chamei Fernanda e, em outros ares, arrancamos juntas as plantas indesejadas que, ainda hoje, insistem em brotar por entre as pedras da calçada, nos canteiros, nos cantos mais improváveis e escondidos. Numa longa conversa, entre um verde e outro, senti que o mundo, que todos enxergamos na infância, ainda pode operar em nós o milagre de uma certa ressurreição. Brotam sempre novas primaveras, novos dezembros... o que possibilita reviver o passado quase esquecido e incompreensível; que arrebenta a correntinha do recalque - que prende o pé das lembranças - e permite que elas abandonem o escuro e sufocante abrigo do mundo psíquico. É o respirar dos afetos que destila a transitoriedade: a elaboração das vivências garante a travessia. Encontrei outra mão para renovar a natureza comigo. Na verdade, desde que não teve mais casa verde, encontrei várias mãos: que me acompanham nesse incessante movimento da vida que sempre trama seus galhos e encontra um jeito para o futuro florescer livre. E as nuvens seguem brincando de desenhar o céu. Serenas, enquanto tentamos adivinhar o que surge a cada nova corrente de vento.



A MENINA E O MAR

Flávia Bernardi

Se apenas carcaça ou um lindo peixe, se uma história de amor ou apenas linhas borradas... Cada um decide o destino final que será dado àquilo que viveu!

E ali, frente a frente com o mar, num tête-à-tête sincero, resolvera por um fim na situação que atulhava seus olhos de areia... e queria que as águas fossem o palco desse desfecho. Desde menina amava o cheiro de maresia, o frenesi quando a areia beija a sola do pé, a sensação de liberdade que se tem com o vai e vem das ondas. Dizia que o mar era dela e ela era do mar: “fomos feitos um pro outro!”, costumava repetir!!

Sabia que as cartas, única coisa que restara daquela história, precisavam ir pra fogueira, serem rasgadas ou jogadas ao mar. Eram apenas folhas de papel, mas pesavam como chumbo nos seus bolsos de seda durante esse tempo todo... e as linhas que arrematavam suas costuras eram frágeis, ela sempre soubera. Não dava pra viver a vida segurando o que pesa tanto, o que sinaliza que está prestes a romper. Cada linha escrita à mão, daquelas cartas de promessas não cumpridas, vinha, há anos, gerando dor e carga. Precisava se livrar daquilo!

Sentada na areia, espichou o ouvido em direção ao mar, que parecia querer segredar-lhe algo... cada onda parecia recitar uma página do livro que lera na adolescência e fizera cócegas nos seus ouvidos: ‘O VELHO E O MAR’, de Ernest Hemingway. O antigo livro, com pedaço de cauda de peixe saindo capa afora, com ilustrações lindíssimas de C.F. Tunnicliffe, fora eleito por ela como a metáfora mais que perfeita de uma vida repleta de riscos e esforços que, no final, transformam-se apenas numa solidão

absurda ao lado de uma carcaça que não vale nada. Aprendera que as coisas podem mesmo perder a importância com o passar do tempo, com o andar do barco... De que vale conseguir sacar das águas um Marlin de 700kg? De que vale sacar da vida um príncipe encantado? Se ambos, passado algum tempo, se deterioraram e se desfiguraram?

No livro, o velho personagem batalha com o peixe durante horas, arquitetando como faria para vencer, mas convicto de que não desistiria... Ela também não queria desistir: mas era impossível prender a pesca quando rompe a linha, quando a força das águas se faz superior (a natureza nunca deixa por menos e parece sempre ter uma lição na manga!)

O valor esteve apenas na retina de quem viu? O fato de tudo ter se transformado em algo diferente é a comprovação que não tinha mesmo valor algum? Ou o valor é algo subjetivo que tem que ficar retido apenas na alma do pescador? Não sabia bem responder...

Releu uma das cartas. Quiçá tivera sorte, pois sempre ouvira que é sortudo quem encontra sua alma gêmea em meio ao aglomerado de pessoas que é o mundo... mas a sorte e o azar bebem da mesma fonte: suas metas dependem da circunstância em que chegam!

Uma onda estourou bem próxima a ela e, como num estalo, pode ouvir, de novo, a voz do autor: “É preferível ter sorte. Mas eu prefiro ser exato. Assim, quando a sorte vem, está-se pronto para ela”. Talvez não estivessem prontos mesmo, pensou... A maturidade chega com a quantidade de banhos de mar que se toma: mergulhar, prender a respiração, emergir, vencer correntezas... clamar por boias quando for preciso. A sorte pode ter chegado na hora errada, então: eram meninos demais para tudo aquilo!

A derradeira onda lhe disse, ainda lendo as páginas de Hemingway: “Às vezes, a verdadeira vitória não se pode mostrar, nem a verdadeira coragem é tão visível ou evidente quanto se pensa”. Fora corajosa, tinha certeza disso; mas a vitória daquela vivência só a ela pertencia... seria pra sempre seu amor secre-

to, brilhante, intacto: guardaria a imagem do primeiro encontro e não da carcaça que tomou o lugar do grande peixe.

Cavou um buraco bem fundo, o mais fundo que pode... primeiro colocou os pés e deixou que se refestelassem na pouca água que tinha no âmago: movimentando os dedos, eles podiam se esconder na areia molhada e brincar com ela. Colocou as cartas ali dentro. O tanto de mar que brotara da areia nem lhe chegava às canelas, mas era suficiente para acolher, enxarcando cristalinamente, as páginas todas: ‘Fomos feitos um pro outro’, novamente pensou, e já não sabia bem se referia-se ao mar ou ao autor das epístolas... agora eram apenas uma coisa só, misturados naquele encontro de papel e água salgada, abraçados, ambos, pelas suas mãos!

Escreveu com o dedo no ar, depois rabiscou na areia a mesma frase do livro que até hoje sabia decor: “Quero tudo e nada quero. Posso? Permites-me tal ousadia? Subir a mais alta montanha, conhecer o algures e o nenhures; tocar o fundo de todos os mares e deitar-me com as estrelas e correr como o vento.” Fechou o buraco com a areia que restava ao redor. Apalpando os restos areentos, teve a nítida certeza de que tudo estava agora no lugar adequado.

Nesta noite, ela também sonharia com leões.

